

Jornal da Facom: Dispositivos Móveis¹

Matheus Matos Engenheiro ABREU²
Michele Ferreira da Silva da Cunha MATOS³
Cláudia de Albuquerque Thomé⁴
Renata Venise Vargas Pereira⁵
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

A velocidade da rotina do jornalista e a demanda cada vez maior de sua multifuncionalidade o colocam diante de um impasse entre a qualidade e eficiência do produto. A partir disso, os alunos de uma disciplina laboratorial de telejornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora se desafiaram a criar um telejornal produzido inteiramente a partir de dispositivos móveis; permitindo mais liberdade e autonomia do repórter, mas também o desafiando a trabalhar limitações de recursos.

PALAVRAS-CHAVE: dispositivos móveis; telejornalismo; democratização; multiplataforma.

INTRODUÇÃO

Durante o 6º e o 7º período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, que tem como habilitação o jornalismo, os alunos passam por quatro laboratórios: são eles os de jornalismo impresso, radiojornalismo, hipermídia e telejornalismo. Cada um tem duração de meio semestre e, durante esse tempo, os alunos se aproximam ao máximo da experiência no cotidiano da vida profissional.

O “Jornal da Facom” é o produto de um deles: a disciplina “Técnica de Produção em TV”, conhecida pelos alunos apenas como Mergulhão de TV. Durante o curso, os alunos pautam, produzem, gravam e editam, um programa por semana. A produto é divulgado exclusivamente via internet, pelo blog da disciplina.

A fim de experimentar as diversas possibilidades que o meio proporciona, além de

¹Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Comunicação e Inovação (avulso), email: matheusengenheiro@gmail.com

²Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: michele.lis@hotmail.com

³Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: michele.lis@hotmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: cthomereis@gmail.com

⁵Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: renatavargas9@gmail.com

descobrir outras potenciais maneiras do fazer televisão, formato e a linha editorial variam a cada edição, de acordo com a incitativa dos editores do programa. A função é ocupada por dois alunos, de modo que toda a turma tenha a oportunidade exercê-la. O programa em questão foi editado pelos autores deste trabalho.

OBJETIVOS

Foi a partir dessa vontade de experimentação e da popularização dos aparelhos de captura de som e imagem que vem acontecendo nos últimos anos que se fez pertinente pensarmos como essa democratização dos dispositivos de produção de mídia pode influenciar no cotidiano do jornalista e de que modo ele o agrega e o modifica.

Como discutir essa problemática em uma disciplina essencialmente prática? A partir da sugestão das orientadoras deste trabalho, foi escolhida pelos editores em consenso com toda a turma a produção de um conteúdo feito integralmente em dispositivos móveis como telefones celulares, smartphones, câmeras digitais, tablets etc.

Ainda tratando dos dispositivos móveis, mas agora como receptores desse material, seria esse formato de telejornal mais “adequado”, ou mais aceito? É importante questionar essa mobilidade nos dois sentidos: tanto da produção, quanto da recepção.

JUSTIFICATIVA

Ao pensar sobre o perfil do profissional de comunicação, do jornalista, é muito difícil não esbarrar nos conceitos de multitarefa. É esperado dele não somente saber sobre os mais diversos assuntos, mas também executar diversas atividades. Muitas vezes o jornalista, por exemplo, é cineasta, fotógrafo, ator. O profissional multifacetado se tornou uma exigência do mercado, talvez pelo interesse das empresas em possuir menos funcionários, mas mantendo a produção. O exercício em questão, a edição especial do “Jornal da Facom” feita com dispositivos móveis, vem a contribuir com a preparação do aluno, no sentido de treinar essa habilidade de desenvolver seu trabalho, mesmo com “limitações” técnicas.

Além disso, nos últimos meses, vivemos o crescimento de mídias alternativas que levaram a discussão do que é o jornalismo também para fora da academia. Temos como exemplos disso as redes sociais e organizações como a Mídia Ninja. Diante disso, é

importante que o jornalista esteja preparado para exercer sua função social independente dos recursos técnicos que o é disponível, conciliando as limitações com a qualidade do produto.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O trabalho aqui apresentado é uma edição especial do ‘Jornal da Facom’, produzida em sua totalidade por dispositivos móveis; entre eles câmeras digitais, smartphones, celulares e tablets. Estes, além de características consideradas limitadoras do trabalho do jornalista, trazem, por outro lado, também uma liberdade maior no fazer televisivo.

Esse aspecto afetou toda o processo de produção; já nas reuniões de pauta, por exemplo, as opções de temáticas e abordagens pareciam mais amplas. Além de descrição do equipamento que possibilita a entrada em determinados lugares, a logística simplificada e uma maior liberdade do entrevistado, há de se destacar que a instantaneidade da produção dá ao resultado final uma sensação de naturalidade e espontaneidade diferentes dos formatos convencionais.

Antes do início da produção da edição especial, as professoras aplicaram um exercício que consistia também em fazer algumas matérias utilizando os dispositivos móveis para um telejornal convencional. As matérias poderiam explorar totalmente as potencialidades do recurso. Entretanto, os resultados foram produtos muito semelhantes ao método convencional, o que diferenciava apenas era a qualidade da imagem. A partir disso, a orientação foi de romper com o modelo do telejornal tradicional e deixar que a temática influenciasse mais na produção. Deixa de adequar o tema à forma e sentir-se livre para fazer o contrário: o tema determina a forma.

A edição se mostrou dinâmica neste contexto, explorando diferentes ângulos e variação de imagens. Os bastidores foram intercalados no meio do telejornal, provando a veracidade e eficácia dos dispositivos móveis empregados no trabalho.

No que diz respeito a finalização e edição de imagem, descobrimos uma dificuldade: a diversidade de formatos atrapalhou no fechamento do jornal. Talvez seja essa a maior barreira técnica da proposta. Além dela, foi comum encontrarmos momentos de dificuldade de compreensão do áudio, fato que prejudica algumas entrevistas.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Além da proposta de trabalhar apenas o dispositivo móvel, a edição em questão é temática e tem a cidade de Juiz de Fora como objeto; apresentar a cidade, seu cotidiano, pontos turísticos e comportamento dos habitantes de forma leve e atraente e informativa.

Do início ao fim, o telejornal narra uma história; nela, os ‘âncoras’ fazem um passeio pela Feira Livre da Avenida Brasil e com o caixa de R\$20,00 tentam comprar o máximo de mercadorias. Nessa dinâmica, que se aproxima de uma brincadeira, eles vão passando por pontos curiosos e chamando as matérias.

Um exemplo: logo do início da feira, foi avistado de longe o Morro do Imperador, um dos principais cartões postais da cidade. Dali seria chamada, então, a matéria que apresentava a trilha do Mirante do Cristo. Deste modo, a cidade foi sendo revelada entre uma compra e outra, entre um papo e outro.

É uma exigência da disciplina que em todo programa haja uma entrevista feita pelos âncoras no estúdio, simulando o ao vivo. Na edição especial, essa entrevista surgiu de forma espontânea diversas vezes, mas foi com o personagem que colocava a música da feira que a conversa se aprofundou e revelou um cidadão importante na história local.

Descobrimos a história do som na feira: há 34 anos o Sr. Valter colocou caixinhas de som em sua barraca de doce, para atrair atenção dos clientes. As pessoas começaram a procurar para encontrar crianças perdidas, o que acabou o inspirando a montar a central de anúncios.

O telejornal foi um verdadeiro passeio pela cidade: chegada pela rodoviária; passando pelos bares mais conhecidos e pela tradicional roda de samba do Muzik; cruzando as galerias do centro e além de uma visita ao shopping, também estão presentes as atividades de lazer no Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora.

CONSIDERAÇÕES

A partir do resultado do trabalho, podemos observar que é possível produzir um material de duração relativamente longa, mais de 40 minutos, exclusivamente utilizando os meios mais populares de captura de imagem e áudio, que seja atraente e informativo. O questionamento fica se o material se familiarizaria com o conteúdo já transmitido em emissoras de tv aberta, por exemplo. Talvez o resultado se encontre mais em meios alternativos à televisão, ou até mesmo na televisão fechada.

Podemos perceber o quanto a forma afeta no resultado do trabalho e, ainda, o quanto os meios tradicionais determinam a disposição do tema. Talvez seja mesmo o dispositivo móvel mais livre para se deixar atravessar pelo assunto, contexto, tema, e proporcionar um material mais crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

SQUIRRA, Sebastião (org.). **Ciber Mídias: extensões comunicativas, expansões humanas**. Porto Alegre, RS: Buqui, 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ/NESC, 1997.